

Formação de Professores: valorizar a docência, reconhecer seu papel na transformação da educação no século XXI.

¹Prof. Me. Glaciene Januario Hottis Lyra

Resumo: O presente artigo visa discutir e ampliar a discussão em torno da formação de professores, seu papel diante da sociedade contemporânea, os reflexos de sua ação e os impactos na transformação da sociedade vigente que necessita dos professores para realizar a travessia para o século XXI. Séculos de mudanças, desafios, do medo, do crescimento desordenado e da cultura em transição, seja ela em qual canto ou lugar de uma população que se faz, refaz e se constrói. A função da escola e as práticas dos professores são constantemente alvos de questionamentos no contexto social, principalmente quando se discute a educação escolar como ponto fundamental na formação do sujeito. Nesse estudo, um dos fatores observados é a formação dos educadores e suas práticas de ensino. No final do processo, o profissional da educação precisa encontrar e sentir-se parte do processo educativo, em busca de ser um transformador consciente dentro da sociedade que ele habita, que necessita do seu labor como uma forma de iniciar as mudanças eficientes que hora não podemos mais esperar. Os professores muitas vezes se encontram em total desmotivação, devido às circunstâncias e dificuldades da profissão e passam por momentos de conflitos quanto à sua formação profissional. Nesse artigo, veremos também um professor que muitas vezes é um eterno aprendiz, com limitações humanas, com medo do novo, com dores e sentimentos de frustração. Mas, que socialmente, sabe ser ele, a grande esperança de um mundo melhor.

Palavras-chave: formação de professores, educação, sociedade, contemporaneidade.

Abstract: This article aims to discuss and expand the discussion on teacher training, their role in contemporary society, the consequences of their actions and the impact in the transformation of current society that needs the teachers to make the crossing to the XXI century. Centuries of changes, challenges, fear, uncontrolled growth and transition in culture, whether it be in which corner or place of a population that does, remade and builds. The function of the school and teachers' practices are constantly targets of questions in the social context, especially when discussing education as a key point in the formation of the subject. In this study, one of the factors observed is the training of teachers and their teaching practices. At the end of the process, the professional education needs to find and feel part of the educational process, seeking to be a conscious transformer within the society he inhabits, that need their labor as a way to start the efficient changes that time does not we can expect more. Teachers often are in full demotivation due to the circumstances and difficulties of the profession and go through moments of conflict as to their professional training. In this article, we will also see a teacher who often is a lifelong learner, with human limitations, fear of the new, in pain and feelings of frustration. But, socially, knows that he, the great hope of a better world.

Keywords: teacher training, education, society, contemporaneity.

¹ Professora Mestra da UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais- Unidade Carangola; Coordenadora de Extensão – NUPEX – Unidade Carangola; Pedagoga; Psicanalista; Psicopedagoga clínica e hospitalar. EEB do Estado de Minas Gerais. Supervisora. Escritora. Mãe. Mulher. Esposa. Amiga.

1. Introdução

É muito comum, um novo professor quando chega na escola utilizar o planejamento e os materiais elaborados pelo professor anterior. A necessidade de conhecer a turma que irá trabalhar e ser autor de seu planejamento, traz em si a liberdade de uma criação condizente com o lugar que será aplicado os conteúdos e se apropriar de uma didática que alcance a todos professores e alunos de uma maneira bem mais eficiente, além disso docente, o próprio elaborador das aulas é que vai ministrá-las, o que garante que os objetivos centrais sejam priorizados e que ajustes possam ser feitos durante o processo.

É um trabalho artesanal e cuidadoso que, demanda muito estudo e muita responsabilidade também. Assumir claramente o planejamento das próprias aulas, confere o benefício de creditar sentido à prática docente. A motivação com certeza será outra. José Pacheco, criador da Escola da Ponte, expõe que é preciso mudar o modelo de aula que temos hoje para uma Educação que una firmeza e carinho. A formação docente é um dos campos do conhecimento educacional mais discutido em congressos, simpósios e nas reuniões pedagógicas de prática docente nas Instituições no Brasil, demonstrando a relevância que essa questão tomou no Brasil, quiçá em outros países. Nos cursos de licenciaturas é que também percebemos a grandeza do trabalho do professor. Um primeiro ponto de partida para a realização profissional é compreender o significado da carreira docente em toda a sua extensão, incluindo, o compromisso com sua formação e os possíveis reflexos que incidirá sobre a sua vida pessoal e profissional.

É necessário também, destacar a conveniência de desenvolver uma formação em que, trabalhar as atitudes seja tão importante quanto o restante dos conteúdos. A formação precisa ter um alto componente de adaptação à realidade diferente do professor, um dos grandes objetivos de toda a formação válida, deve ser o de poder experimentar e também proporcionar a oportunidade para desenvolver uma prática reflexiva competente. O professor não se forma apenas na graduação, no seu curso de licenciatura, mas também no dia a dia escolar, pois as mudanças cotidianas requerem, com certeza, as mudanças na sua prática pedagógica. Falar em formação de professores é com certeza também falar em formação continuada, onde a identidade profissional passa a ser construída. À guisa de conclusão, faremos algumas considerações de como o professor poderá (re) conquistar sua identidade enquanto categoria profissional, a fim de que ela possa rever o que constituiu o fundamento de sua prática e criar meios de conhecer e relacionar-se com o conhecimento dos seus alunos.

A escola não é responsável sozinha pelas transformações sociais, porém é nela que acontece a intervenção pedagógica, a didática, resultando no processo de ensino/aprendizagem; fato este que reestrutura toda a vida do sujeito da aprendizagem.

É necessário, que ela tenha consciência da sua importância para desenvolver no educando a formação crítica e dar condições para que ele possa participar das decisões da sua comunidade seja no âmbito local ou mundial. Ou seja, deve estar relacionada ao cotidiano dos alunos, desde o aspecto local ao global. Para Alves (1994, p. 23), “o corpo não suporta um conhecimento morto que não possa ser integrado com a vida”. Diante disso, a escola deve deixar de ser uma agência transmissora de informações e transformar-se num lugar onde a informação seja produzida e o conhecimento seja significativo. O educando afirma sua identidade através do conhecimento e competências adquiridos na escola. Segundo Libâneo (1998, p.45), a formação de atitudes e valores, permeando as atividades de ensino adquire, portanto, um peso substantivo na educação escolar, porque a escola silencia valores, abre espaço para os valores dominantes no âmbito social.

2. Desenvolvimento

Ao se falar em formação, refere-se à educação e à cultura; fala-se do conjunto de conhecimentos que a humanidade já construiu e do acervo que cada indivíduo acumulou em função dos grupos aos quais pertenceu ou ainda pertence e de suas experiências pessoais. Entra-se no terreno dos valores e símbolos, num processo que tem como intencionalidade o desenvolvimento do indivíduo singular e social, histórico e concreto.

Durante o Estado Novo, o ensino normal sofreu a primeira regulamentação do governo central em decorrência da orientação centralizadora da administração. Em consonância com essa orientação, essa política educacional traduziu-se na tentativa de regulamentar minuciosamente em âmbito federal a organização e o funcionamento de todos os tipos de ensino no país, mediante “Leis Orgânicas do Ensino”, decretos-leis federais promulgados de 1942 a 1946. A Lei Orgânica do Ensino Normal não introduziu grandes inovações, apenas consagrou um padrão de ensino normal que já vinha sendo adotado em vários estados. O Normal foi dividido em dois ciclos: o curso de formação de “regentes” do ensino primário, em quatro anos, e funciona em Escolas Normais Regionais e o curso do segundo ciclo, em dois anos, que formaria o professor primário e era ministrado nas Escolas Normais e nos Institutos de Educação.

Precisamos perceber que, do ponto de vista pedagógico, não é uma soma de parcelas de saberes teóricos que embora necessários, nunca serão suficientes para alicerçar a compreensão da situação escolar e a formação do discernimento do Educador. Não há fórmulas prontas para orientar essa formação, mas o próprio conceito de vida escolar é básico para que se alcance esse discernimento.

A maciça expansão das matrículas no ensino fundamental desde há trinta anos, e no ensino médio mais recentemente, inviabilizaram uma concepção da atividade de ensino fundada na relação professor-aluno, na qual a imagem do “bom professor” era basicamente a daquele profissional que dominava um saber disciplinar que seria transmitido a um discípulo. O êxito desse ensino dependia – pensava-se – de uma combinação de conhecimento disciplinar e de preparo didático do professor. No quadro dessa concepção, nasceram e permaneceram durante muitos anos os cursos de licenciatura no ensino superior brasileiro e em outros países. No Brasil, a explosiva expansão do ensino de 1º grau, desde 1971, exigiu também a expansão acelerada dos cursos de licenciatura que simplesmente disseminaram o modelo associado a essa concepção. (AZANHA, 2004, p. 371).

Segundo a temática de Freire (1996), pretende-se esclarecer que a formação docente deve causar a indagação no educador desafiando-o à apropriação de saberes que são necessários à prática educativa. Entender também que, a formação profissional da educação é o ponto de partida para permear saberes e práticas na vida do educando. Falando em pesquisa, pesquisar é aprender novas práticas, ser um docente/discente. Segundo Freire “é nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar, é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo e ou alma a um corpo indeciso e acomodado.” (1996, p. 25)

O professor deve pensar em sua formação continuada como um meio essencial para a criação de um ambiente pedagógico que o faça transpor barreiras que a contemporaneidade vem construindo. Formação continuada é uma formação sem fim. Esse pressuposto não está fora da realidade, pois a palavra continuada quer dizer contínuo, ou seja, sem interrupções.

A LDB 9.394/96, ao introduzir novos indicadores para a formação de profissionais para a Educação básica, suscita discussões e encaminhamentos. No capítulo 6 – Dos profissionais da Educação – os artigos 61 a 65 vão explicitar como se dará a formação continuada dos professores:

Artigo 61. A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos: I – a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviços; II – aproveitamento da formação de experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.

Artigo 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Artigo 63. Os Institutos Superiores de Educação manterão: I – cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental; II – programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação superior que queiram se dedicar à educação básicas; III – programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis.

Artigo 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica será feita em cursos de graduação em Pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida nesta formação a base comum nacional.

Artigo 65. A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas.

Normas estabelecidas pela LDB, para a formação de profissionais da educação, implicaram uma série de regulamentações que seguiram, a saber:

- A Resolução CP/CNE nº 1/99, que dispõe sobre os Institutos Superiores de Educação;
- O Decreto nº 3.276/99, que orienta sobre a formação de professores em nível superior para atuar na Educação Básica, alterado pelo Decreto nº 3.554/2000;
- O Parecer CES nº 970/99, que trata da formação de professores nos Cursos Normais Superiores;
- O Parecer CNE/CP nº 9/01, que aborda as Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, dentre outras.

Refletir sobre a formação docente e sua prática implica conceber um processo de formação ação, no qual o professor se coloca como agente e sujeito de sua prática, além de sujeito do processo de construção e reconstrução do conhecimento.

As instituições formadoras de docentes têm de ver nessa variedade o ponto de partida para formular suas propostas. Diferentemente de outras situações profissionais, o exercício da profissão de ensinar só é possível no quadro institucional da escola, que deve ser o centro das preocupações teóricas e das atividades práticas em cursos de formação de professores. O professor precisa ser formado para enfrentar os desafios da novidade escolar contemporânea. (AZANHA, 2004, p. 373)

De acordo com Nóvoa (1998), os professores têm de afirmar a sua profissionalidade num universo complexo de poderes e de relações sociais, não abdicando de uma definição ética, em certo sentido militante na sua profissão, não alimentando utopias excessivas que se viram contra eles, obrigando-os a carregar nos ombros o peso de grande parte das injustiças sociais. É nesse sentido que o professor deve encarar a realidade de que não é o salvador da pátria e não deve assumir irresponsabilidades que não são atribuídas ao seu papel de educador. A educação está inserida em tudo que o ser humano projeta, então, o profissional não pode se comportar como um ser fragmentado e tem que ter consciência da sua importância na sociedade ainda que as

autoridades não reconheçam o trabalho docente. O sujeito necessita estar presente nas transformações denominadas da sociedade que são inúmeras.

Para acontecer essa prática é necessário levar em conta o mundo que rodeia o sujeito e, ver como o objeto se apresenta na sua experiência, pois o mesmo fato pode ter significados diferentes para pessoas diferentes. Desse modo, percebe-se que a realidade da vida cotidiana também inclui uma participação coletiva.

José Pacheco, criador da Escola da Ponte, enfatiza: Escolas são pessoas e pessoas são os seus valores. Os valores costumam sustentar-se com princípios, que juntando com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), consolida a ideia do projeto e da educação. Um projeto coletivo significa movimento coletivo. Ninguém muda uma escola sozinho. Se houver professores, e o mínimo é três, que tenha os seus valores numa carta de princípios e um projeto, não há qualquer secretário nem ministro que impeça os professores de fazer o que é preciso.

Metaforizando, não podemos deixar nossos Josés de mãos vazias, é preciso ter força e fé no amanhã, o mar não vai secar enquanto existirem profissionais querendo fazer a diferença. Analisemos a letra do poema “José” de Carlos Drummond de Andrade abaixo.

José

E agora, José?

A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia

e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio - e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

(ANDRADE, Carlos Drummond de, *Reunião*. 6. Ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974. p. 70)

Eis José! Um bom lugar para se procurar um professor.

Alves (2001, p. 40) julga indispensável que: [...] durante seu preparo, o futuro professor se capacite para, em sua prática docente, compreender o universo cultural do aluno, a fim de que juntos, a partir do que conhecem, venham a se debruçar sobre os desafios que o mundo lhes apresenta, procurando respondê-los, e nesse esforço, produzam novos saberes. Durante toda nossa formação sempre consideramos o ensino como transmissão de conhecimento, onde o educador tudo sabia e o educando era uma verdadeira folha em branco a quem competia memorizar e repetir o conhecimento transmitido, hoje a ordem é para desenvolver o aprender a aprender.

No tocante, a aprendizagem tem que ser extremamente significativa, pois a tendência do ser humano é aprender com o prazer, prazer de ser, prazer de fazer, prazer de concluir e prazer de reproduzir, passar para outros o quanto é importante participar da sociedade do conhecimento. Somente o conhecimento vai libertar o homem de suas amarras, assim cabe a nós professor nos incentivar ao máximo para gerar motivação que é a válvula propulsora do vir a ser. A Didática nos diz: o corpo vai rejeitar o saber que nos atingia a alma. Cabe nesse instante uma revolução em todas as células do nosso corpo para que SABER tome sua posição de liberdade. Para Chalita (2001, p. 174):

[...] o professor que se busca construir é aquele que consiga, de verdade, ser educador, que conheça o universo do educando, que tenha o professor que se busca construir é aquele que consiga, de verdade, ser um educador, que conheça o universo do educando, que tenha bom senso, que permita e proporcione o desenvolvimento e autonomia de seus alunos. Que tenha entusiasmo, paixão; que vibre com as conquistas de cada um de seus alunos, que não discrimine ninguém nem se mostre mais próximo de alguns.

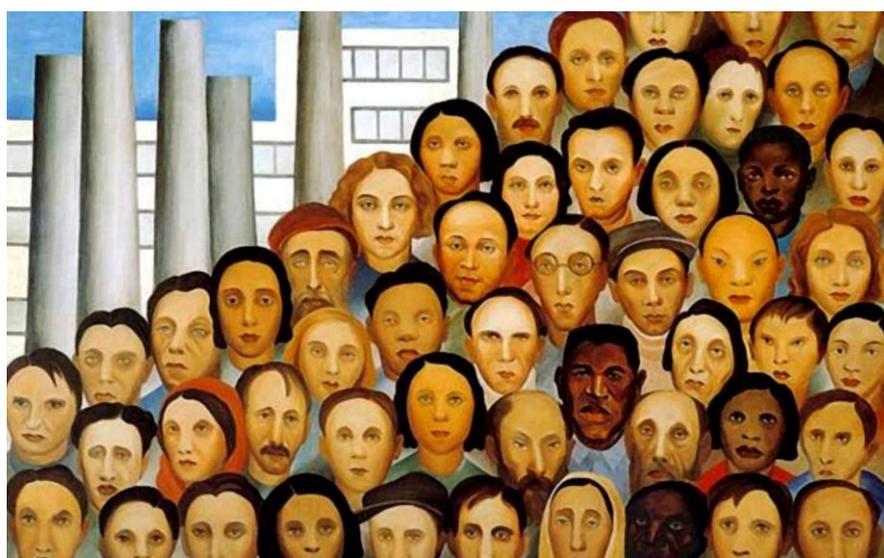


Figura 1. Operários - Tarsila do Amaral Óleo/tela 150 x 205 cm. Assim... “Tarsila 1933”
Col. Do boy. Do Estado de São Paulo

Nesta tela, percebemos a grande diversidade que constituem as diferenças do espaço escolar. Local de formação da diversidade humana.

Superando a simples adaptação ao meio, o ser humano transforma-o por causa das suas necessidades e é pelo trabalho que ele busca instrumentos e caminhos para criar um mundo de objetos, significativos e úteis que garantam a sobrevivência. É também pelo trabalho que, o ser humano torna-se homem. Por isso, é possível a partir do trabalho, compreender o desenvolvimento dos complexos sociais e adaptativos vividos pelo homem. Em uma visão marxista, o trabalho pode ser considerado uma atividade educativa e emancipatória do homem, momento de articulação entre consciência e mundo, entre subjetividade e objetividade. Porém, chega o momento em que o trabalho se converte em mercadoria, por conta da economia capitalista. A realidade do trabalho tem se tornado cada vez mais complexa, sendo influenciada pela evolução tecnológica, pela evolução das linguagens e, conseqüentemente, pela revolução das representações.

O docente necessita se reconhecer dentro do seu papel de formação e formador, na construção desta nova escola que tanto buscamos e queremos, espaço de abrir seus horizontes sem medo de errar, ou se errando, buscar o acerto; afim de consolidar uma formação que o leve a ter direitos sobre seu saber, só assim mesmo poderá mostrar para seu aluno que tudo é possível, basta que se sonhe. Basta que se queira. Dentro de cada um de nós existe sempre espaço para o aprender, nesta perspectiva que juntos formaremos a escola do século XXI que tanto queremos, que a autonomia seja o sinônimo de esperança neste espaço em construção. Para sempre lembraremos das lições que no passado nos foram passadas pelos nossos professores, pois afinal o mesmo tinha um lugar de destaque: na família, na sociedade constituída, o respeito permeava seu entorno; e é atrás deste docente que ansiamos. Com uma formação adequada resgataremos toda a doçura e responsabilidade de uma educação que traz a nostalgia do que era velado, porém doce e cheio de amor e aprendizagem.

3. Considerações Finais

Sabemos que a educação ultrapassa todo e qualquer espaço da esfera educacional, todo conhecimento, habilidades e competências adquiridas na escola servirão para toda a vida do sujeito. Seja na vida social ou no trabalho. Construimos parte desta identidade na escola, onde está a figura central do docente, “o professor”, nosso professor, que acalenta, ensina, encanta, faz e refaz. Buscamos neste trabalho relatar a presença tão relevante, na construção do processo ensino/aprendizagem e na formação do aluno, que está presente com seu professor até mais que

com sua própria família e ou amigos. No professor, o aluno busca a prática de inteligir, desafiar, produzir sua compreensão com o mundo; mundo este que o desafia o tempo todo, e que ele também o desafia. A criação deste ser pensante aluno, deverá ter uma proporção dado o encantamento que o mesmo tem por seu professor, doador de vidas e de ideias. Exercendo sua autonomia, sem autoritarismo, respeitando as dificuldades do aluno e participando de sua vida, esta equação só será positiva. São leis que reagem esta formação, citadas neste artigo, mas diante do querer as leis se tornam pequenas, basta que o professor esteja aberto, as indagações e curiosidades dos alunos. Freire (1996, p. 52) diz que “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. O professor deverá ter apoio de todos os seguimentos que está em torno dele e principalmente ter a oportunidade do acesso ao conhecimento, ao lazer, ao aprender, a condições financeiras condizentes, a ser, e enfim poder transitar no campo da docência com prazer e alegria, levar consigo a leveza do dever cumprido. Dever este que com certeza mudará o percurso da nossa nação.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Educação Infantil: Prioridade imprescindível**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2004.

AQUINO, Júlio Groppa. **Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos**. São Paulo: Summus, 2000.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 3. Ed. São Paulo: Moderna, 2006.

AZANHA, José M. Pires. **Uma reflexão sobre a formação do professor da escola básica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 369-378, maio/ago. 2004.

BARREIRO, Iriade Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani e Silva Júnior Celestino Alves. **Formação do Educador e Avaliação educacional: formação inicial e contínua**. São Paulo: UNESP, ATICA, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 33. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: 1996.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 dez. 1996.

BURKE, Thomas Joseph. **O professor revolucionário: da pré-escola à universidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CARVALHO, A. M; GIL PEREZ, Daniel. **O saber e o saber fazer dos professores**, In: CASTRO, A.D; CARVALHO, A.M.P. (Org.). *Ensinar e ensinar Didática para a escola fundamental e média*. São Paulo: Pioneira – Thompson Learning, 2001.

CASTRO, A. H. **O professor e o mundo contemporâneo**. Jornal Diário Barretos, opinião aberta, 08 jul 2004.

CAVALCANTI, Margarida Jardim CEFAM, **Uma alternativa Pedagógica para a formação do Professor**. São Paulo. Ed. Cortez, 1994.

CHALITA, Gabriel. **Educação, a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Construindo o Sistema Nacional Articulado de Educação: O Plano Nacional de Educação, Diretrizes e Estratégias de Ação – Documento Final*. 2010. Brasília: 164 p.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 16. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 5. Ed. Campinas SP: Autores associados, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e profissional: formar-se para mudança e a incerteza**. 5. Ed., São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 77).

MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.), **Currículo, cultura e sociedade**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

NÓVOA, Antônio. **Formação de professores**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1998.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (orgs.). **O coordenador pedagógico e os desafios da educação**. São Paulo: Petrópolis, 2008.

Revista Carta Fundamental, Editora Confiança. Agosto de 2013, p. 8 e 9.

TUNARI, Leonor Maria. **História da formação de professores**. Revista Brasileira de Educação, p. 61-88, Mai/Jun/Jul/Ago 2000.